

NEM PRECISA SABER DESENHAR: CONCEPÇÕES DE PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA SOBRE AS HQ

DON'T NEED HOW TO DRAW! CONCEPTIONS ABOUT COMICS OF TEACHERS WHO TEACH MATHEMATICS

Wellington Lima Cedro

<wellingtonlimacedro@gmail.com>

Doutor em Educação

Universidade de São Paulo

Professor na Universidade Federal de Goiás, campus Samambaia

<http://lattes.cnpq.br/1123884255260078>

Luis Adolfo de Oliveira Cavalcante

<luisadolfo001@hotmail.com>

Mestre em Educação em Ciências e Matemática

Universidade Federal de Goiás

<http://lattes.cnpq.br/4123834337637732>

RESUMO

Tomando-se por base o conjunto de ideias da Teoria Histórica Cultural (THC), compreendemos o professor como o sujeito responsável pela organização do processo educacional que permita a apropriação dos conhecimentos sócio-histórico. Dessa forma, cabe a este profissional escolher as ferramentas e as técnicas de ensino adequadas para que o objetivo do processo educacional se faça cumprir: formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade em que estão inseridos. Nesta perspectiva, torna-se de fundamental importância proporcionar ao professor uma formação que oportunize o trabalho com ferramentas pedagógicas diversas. Neste artigo, abordamos as histórias em quadrinhos como possibilidade de recurso pedagógico, e apresentamos as concepções que professores que ensinam matemática atribuíam a esta ferramenta antes e depois de um curso de formação. A pesquisa teve como público alvo um grupo de professores que ensinam matemática vinculados a um projeto de pesquisa desenvolvido junto ao Programa Observatório de Educação (OBEDUC), um grupo que tem como foco o estudo de textos e elaboração de atividades que corroborem com as ideias da Teoria Histórico Cultural. Ao longo do curso utilizamos como forma de coleta de dados, dois questionários e uma entrevista, além da gravação áudio-visual de todos os encontros (posteriormente transcritos). Os dados coletados durante o curso possibilitaram o estabelecimento de três categorias de análise. Neste trabalho apresentaremos os dados relativos às concepções sobre as habilidades necessárias para se construir uma HQ. Salientamos e defendemos a importância de cursos de formação que oportunizem ao professor o conhecimento e a prática de produção de ferramentas pedagógicas como as HQ.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em Quadrinhos; Formação de professores; Concepções; ensino de matemática.

ABSTRACT

Taking as a basis the set of ideas Historical Cultural Theory (HCT), we understand the teacher as the subject responsible for the organization of the educational process allowing the appropriation of socio-historical knowledge. In this way, up to this professional choose the appropriate tools and teaching techniques for the objective of the educational process to do accomplished: formation of critical and active citizens in the society in which they live. In this perspective, it becomes fundamental importance provide the teacher a education process that opportunity to work with various teaching tools. In this article, we discuss the comics as a possible educational resource, and present the conceptions of teachers who teach mathematics attributed to this tool before and after a teacher education course. The research had as target a group of teachers who teach mathematics linked to a research project developed by the Programa Observatório de Educação (OBEDUC), a group that focuses the study of texts and development activities corroborating the ideas of Historical Cultural Theory. Along the course, as a means of data collection, two questionnaires and an interview were used, beyond the audiovisual recording of all meetings (subsequently transcribed). The data collected during the course enabled the establishment of three categories of analysis. In this work we present the data on conceptions of the skills needed to build a comic. We accentuate and defend the importance of teacher education courses that provides opportunities the teacher the knowledge and practice of production of pedagogical tools such as comic.

KEYWORDS: Comics; Teacher Education; Conceptions; Mathematics Teaching.



INTRODUÇÃO

O professor, personagem responsável por organizar o espaço escolar, é o profissional que tem a tarefa de contribuir para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos indivíduos. O papel atribuído ao professor perpassa pelos processos de organizar o espaço escolar e planejar atividades para que os sujeitos em formação possam desenvolver, a partir das interações ocorridas no processo educacional, formas de pensamento mais críticas, valores humanos éticos e morais, além de conhecimentos científicos.

Dessa maneira este profissional, no exercício de suas atribuições, tem, à sua disposição, inúmeras possibilidades de ferramentas que podem ser usadas para contribuir para a aprendizagem dos estudantes. Uma destas ferramentas são as histórias em quadrinhos (HQ). Nas últimas décadas diversos autores têm dedicado suas pesquisas a compreender as contribuições das HQ ao processo educacional.

Autores como Acevedo (1990), Araújo; Costa e Costa (2008), Cirne (1970), Luyten (1985a, 1985b, 1985c, 2000) Moya (1977) e Vergueiro (2012), vem ao longo dos anos, demonstrado possibilidades interessantes e desmistificando ideias errôneas para o uso das histórias em quadrinhos com fins educacionais. Estas possibilidades perpassam por elementos como o aumento da motivação do estudante (TONON, 2009) e, um pouco mais específico ao conhecimento matemático, estimular o raciocínio lógico e imaginação do leitor (ARAUJO; COSTA; COSTA, 2008).

Apesar das pesquisas sobre as histórias em quadrinhos, seu uso e suas possibilidades em âmbito educacional, crescerem ao longo dos anos, os programas de formação de professores não acompanham este processo, fazendo com que estes profissionais tornem-se despreparados para um trabalho de qualidade que envolva as HQ. Nesta perspectiva, é de grande importância oferecer ao professor a possibilidade de apropriar-se das bases teórico-práticas necessárias para a implementação de uma proposta pedagógica que faça uso dos quadrinhos.

Sob este aspecto, voltamos nossos olhares para a formação de professores que ensinam matemática, construindo um curso de formação que fosse capaz de abarcar os elementos das histórias em quadrinhos, oferecendo a alguns professores elementos teóricos e práticos para a produção de HQ voltadas para o ensino. Este curso foi realizado durante uma investigação vinculada ao Programa Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática, nível Mestrado da Universidade Federal de Goiás, tendo como produto a dissertação intitulada “No dia mais claro:

um estudo sobre o sentido atribuído às histórias em quadrinhos por professores que ensinam matemática em formação". (CAVALCANTE, 2014)

Dentro deste contexto, este artigo tem por objetivo apresentar alguns dos resultados obtidos com a realização do curso de formação oferecido a um grupo de professores. Assim, estruturamos este artigo de modo, que inicialmente, apresentaremos sucintamente a estrutura do curso, o público alvo e parte dos dados coletados. A partir daí, elucidaremos os pré conceitos (conceitos simplistas ou errôneos) dos professores sobre as histórias em quadrinhos e como o curso pode ter contribuído para desmistificar estes conceitos.

CONTEXTUALIZANDO A INVESTIGAÇÃO: O CURSO EM DESTAQUE

Ao refletir sobre a formação inicial dos professores, percebemos uma carência que possibilite a incorporação das HQ em sua prática profissional. Com isto, organizamos um curso que seria oferecido para um grupo de professores. O curso foi baseado segundo os conceitos e ideais da Teoria Histórico Cultural (THC), emergente do Materialismo Histórico Dialético (MHD) proposto por Marx. Dessa forma, acreditamos que o conhecimento é resultado histórico e social das relações que o homem estabelece com o meio que o cerca (natureza). Isso nos impele a compreender o aprendizado em uma dimensão social, ocorrendo assim na interação entre homens e com ferramentas que possam contribuir para sua mediação.

Este curso foi ministrado a um grupo de 12 professores que ensinam matemática¹, participantes de um projeto de pesquisa vinculado ao Programa Observatório de Educação (OBEDUC)², as condições necessárias para incorporar as HQ à sua prática pedagógica. A escolha deste grupo de professores se baseou no fato de que eles têm como foco de estudo semanal textos que corroborem com as ideias da THC. Contudo, isso não significa que nos encontros do grupo os participantes têm como objetivo aprofundar-se nas teorias vygotskianas (nem tão pouco

¹ O termo "professores que ensinam matemática" vem do fato de que nem todos os professores eram formados em matemática. Alguns dos professores eram pedagogos e o grupo ainda contava com um professor de física. No entanto, todos trabalham com matemática no contexto escolar.

² O Programa Observatório da Educação é resultado de uma parceria entre Capes, INEP e SECADI, visando oferecer fomento para estudos e pesquisas em educação. O OBEDUC núcleo Goiânia adota como referencial teórico a Teoria Histórico Cultural e organiza suas atividades pautados nesta teoria. Além de estudos teóricos o grupo realiza um projeto chamado Clube de Matemática, onde os participantes vão a escolas municipais do município de Goiânia desenvolver atividades que envolvam a matemática. Estas atividades fazem com que o aluno sinta a necessidade de apreensão e formalização do conhecimento matemático.

marxistas), mas que, na condução de suas atividades são realizados recortes que vão ao encontro destas teorias. A figura 1 mostra 6 dos participantes (com nomes fictícios e feições meramente ilustrativas, sem vínculo com a realidade) envolvidos no curso e o pesquisador. Caracterizações que serão importantes no decorrer deste artigo.

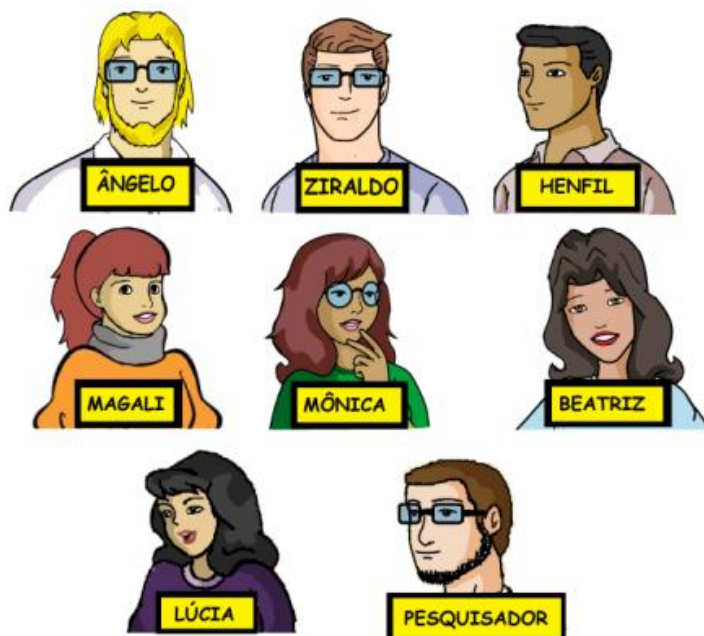


Fig.1. Participantes e pesquisador – fonte: autoria do pesquisador – produzido em 06/03/2016

Nos inserimos neste grupo, com o intuito de compreender os sentidos que os professores que ensinam matemática atribuem as HQ, apresentando-as como um elemento que possa servir como ferramenta mediadora do conhecimento matemático. Assim, o curso envolveu tanto atividades teóricas quanto práticas. Acreditamos que a discussão sobre formas de se incorporar as Histórias em Quadrinhos no processo educacional, suas particularidades, potencialidades e limitações, é tão importante quanto a produção segundo a visão de educação/matemática discutida. Sendo assim, acreditamos que compreensão dos sentidos atribuídos pelos professores às HQ durante o curso de formação proposto, requer um tipo de análise em que levemos em conta os seguintes aspectos:

- **O discurso dos professores:** em que os professores verbalizam suas concepções de como as HQ podem ser utilizadas no processo educacional, bem como suas respostas aos questionários dos quais fizemos uso durante a investigação;

- **As etapas de elaboração das HQ:** em que os professores podem desmistificar a ideia de que uma história em quadrinho pode ser construída apenas por profissionais da computação gráfica ou sujeitos com habilidades de desenho;
- **As HQ construídas:** objetivando sua forma de compreender como as HQ podem ser inseridas em contexto educacional, as histórias em quadrinhos finalizadas contribuem para que percebamos a forma que o professor organizará suas atividades para utilizar este elemento em sala de aula.

Ao longo do curso, como forma de coleta de dados, que pudesse abarcar estes aspectos, foi utilizado dois questionários e uma entrevista, além da gravação audiovisual de todos os encontros (posteriormente transcrita). Os dados coletados durante o curso possibilitaram o estabelecimento de três categorias de análise, descritas a seguir:

- **O conhecimento matemático nas HQ:** Tentamos compreender como os participantes entendem que o conhecimento matemático deve aparecer nas HQ em prol de um aprendizado de qualidade.
- **Concepções sobre as HQ:** Buscamos analisar como os professores compreendem os elementos das histórias em quadrinhos, o que é necessário para se produzir uma HQ e quais são os elementos existentes em uma HQ.
- **O papel das HQ na organização do ensino:** Esta unidade emergiu a partir da preocupação dos participantes em como organizar atividades de ensino que façam uso das HQ, incorporando este elemento a suas práticas pedagógicas.

Neste artigo concentraremos o nosso olhar sobre as concepções relacionadas as HQ que os professores já traziam consigo e a mudança de concepções após as atividades do curso (relativas a segunda unidade). Apesar de não tratarmos aqui as outras duas unidades, salientamos a importância de ambas na melhor compreensão dos sentidos atribuídos pelos professores às HQ. Estas unidades podem ser encontradas, juntamente com os quadrinhos produzidos pelos professores, na dissertação "No dia mais claro: um estudo sobre o sentido atribuído às histórias em quadrinhos por professores que ensinam matemática em formação". (CAVALCANTE, 2014), já mencionada anteriormente.

CONCEPÇÕES SOBRE AS HQ DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DO CURSO

Acreditamos que a construção das HQ estabelece relação dialógica com a idéia que se tem deste recurso. Assim, sentimos a necessidade de levar os participantes a refletirem sobre o que era necessário para produzir uma HQ que possa ser utilizada em contexto educacional.

No começo do curso a maioria dos participantes tinham a concepção de que apenas artistas com vários anos de experiência e com dons artísticos poderiam construir histórias em quadrinhos. Conforme debatido no curso, e explicitado posteriormente durante o texto, o conhecimento e o domínio sobre determinados elementos das HQ não implicam que o professor precise saber desenhar para criar este tipo de arte.

Preparamos atividades durante o curso que pudessem ajudar a desmistificar algumas destas ideias. Fornecemos ao longo do curso algumas histórias em quadrinhos com qualidades estéticas variadas e estilos de desenhos diversos. Acreditamos que se os profissionais tivessem o conhecimento de HQ com traços mais simplistas (ou menos carregados), se comparadas com outras mais bem trabalhadas graficamente (com relação às cores e estilo do traço do desenho) e com a prática de produção, os participantes se desvencilharam destas concepções.

Uma das atividades ocorridas no primeiro encontro nos revelou os elementos que os participantes consideram mais importantes na produção de uma história em quadrinho, mesmo que inconscientemente. A atividade proposta tinha como objetivo compreender como os participantes baseavam as escolhas de uma HQ. Disponibilizamos para os professores, histórias em quadrinhos de estilos variados, e pedimos que eles escolhessem algumas e realizassem uma análise dos principais elementos que as histórias apresentam em comum. Espalhamos as HQ previamente selecionadas em uma mesa e pedimos que os professores escolhessem uma.

Em seguida, questionamos em que os participantes basearam as suas escolhas. As discussões que emergiram deste primeiro contato dos professores com as HQ durante o curso nos levaram a acreditar que eles atribuem uma importância exacerbada ao desenho (ou efeitos visuais) em detrimento dos textos contidos nos balões. Assim, alguns deles atribuíam o sentido simplista (ou equivocado) de que a única habilidade necessária para a construção de uma HQ era a habilidade de desenho.

Houve professores que afirmaram que escolheram uma determinada HQ por gostar mais do estilo de desenho. Alguns gostaram mais dos quadrinhos de super-heróis americanos pela riqueza de detalhes dos traços e as cores fortes e vibrantes ou Turma da Mônica pela colorização.

Concluimos então, que uma parte considerável dos participantes baseou suas escolhas de uma HQ apenas na qualidade estética dos desenhos.

Além disso, nos primeiros encontros, boa parte dos participantes afirmava que apenas artistas com vários anos de experiência poderiam produzir histórias em quadrinhos. Uma amostra dos participantes ainda tinha a ideia de que desenhar era necessário e também suficiente para construir uma HQ. Entretanto, perceberíamos ao final do curso que com a análise de algumas histórias em quadrinhos e com a prática de produção, os participantes se desvincilhariam destas concepções. Percebemos algumas pré concepções no recorte do primeiro encontro a seguir, ocorrida no primeiro encontro.





Fig.2. Escolhas do primeiro encontro – fonte: autoria do pesquisador – produzido em 08/03/2016

Percebemos que inicialmente as escolhas (ou justificativas para a não escolha) basearam-se apenas nos aspectos estéticos das HQ, além de ideias que os professores já traziam consigo sobre alguns estilos de HQ. Podemos perceber isto ao olharmos especificamente o discurso da participante Magali ao afirmar que não gosta dos quadrinhos da Marvel e da DC “porque eu não gosto do efeito visual, das cores, eu acho bem forte” (Figura 2) e quando a

participante Lúcia baseia sua escolha pois acha que é “muito bem feito, a ilustração, as cores que foram utilizados, os efeitos de sombra e de luz. Muito bonito” (Figura 2).

Além desta atividade, no primeiro encontro, foi passado aos participantes um pequeno questionário com apenas quatro perguntas. Uma das perguntas: “Que elementos as Histórias devem abarcar para possibilitar a apropriação de um conhecimento efetivo?”, revelou a importância exacerbada que alguns participantes atribuem ao desenho. Na pergunta, a palavra história, foi empregada com letra maiúscula para remeter apenas à estória e não ao desenho. Entretanto, o participante respondeu que:

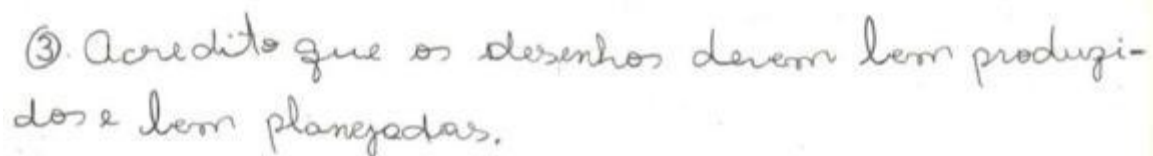


Fig.3. Resposta de um professor à terceira pergunta do questionário do primeiro encontro

Acreditamos que o participante gostaria de ter escrito: “Acredito que os desenhos devem ser [faltou na frase] bem produzidos e bem planejados”. Assim, ficou claro para nós que alguns professores atribuíram aos textos presentes nas HQ uma função secundária, ou na melhor das hipóteses, uma função que só tem sentido com um tipo de desenho adequado. É possível interpretar, segundo a resposta do participante, que os desenhos conseguem fornecer as ferramentas necessárias para que o aluno aprendesse, pois em momento algum o elemento textual é referido.

Entretanto, apesar desta visão distorcida de construção de HQ (importância muito maior ao desenho do que aos textos) emergir no primeiro encontro, achamos interessante destacar um período do recorte. No 4º período, a participante Magali afirma que “Meus filhos foram alfabetizados lendo gibi. Eles liam, começaram pelas figuras. Eu não lia pra eles. Isso despertou por eles um grande gosto pela leitura” (Figura 2).

Vergueiro (2012) argumenta que nas idades pré-escolares as HQ aparecem como uma ferramenta muito interessante para despertar na criança uma vontade de aprender a ler. Além disso, o autor argumenta que com crianças que já saibam ler e escrever é interessante “cultivar o contato com a linguagem das HQs, incentivando a produção de narrativas breves em quadrinhos,

sem pressioná-los quanto a elaboração de textos de qualidade ou a cópia de outros modelos” (VERGUEIRO, 2012, p. 28).

Sob este aspecto, Luyten (1985b) discute que as histórias em quadrinhos constituem uma forma de arte que tem uma grande aceitação, principalmente pelo público infanto-juvenil, que buscam uma forma de leitura diversificada. Dessa forma, as HQ se apresentam como uma ferramenta que contribui para o desenvolvimento da leitura, pois fazem uso de uma linguagem dinâmica.

Nesta perspectiva, fica explícito que apesar dos participantes do curso, em determinados momentos atribuírem aos desenhos (qualidade estética) uma importância maior em detrimento dos textos, alguns deles têm concepções que vem ao encontro do que afirmam Luyten (1985b) e Vergueiro (2012), ou seja, reconhecem nas histórias em quadrinhos um elemento que podem contribuir de forma positiva para o desenvolvimento e fortalecimento do hábito da leitura e interpretação.

O desenvolvimento destas competências é possível devido à forma como as histórias em quadrinhos são produzidas, envolvendo um atrativo particular que desperta o interesse dos leitores em formação, unindo a linguagem materna (escrita) com os desenhos. Este atrativo das histórias em quadrinhos pode contribuir positivamente para o desenvolvimento da capacidade de interpretação, pois, esta fusão faz com que as HQ sejam modalidades feitas para serem “lidas/vistas” de forma “holística”, integrada, já que são desenhos sequenciados e de entendimento simultâneo, distintamente da escrita linear e fonetizada (ANDRAUS, 2006, p. 162).

Andraus (2006) debate que as HQ devem ser lidas de forma integrada (holística). Entendemos nesta perspectiva, que nas histórias em quadrinhos os desenhos e os textos são igualmente importantes para uma compreensão mais globalizada. Este entendimento não foi demonstrado pela maioria dos participantes durante o curso. A seguir, apresentamos uma caracterização de discussões que ocorreram durante o curso. Estas caracterizações demonstram as concepções dos participantes, atribuindo aos desenhos uma importância maior em detrimento dos textos:



Fig.4. Discussões em grupo – fonte: autoria do pesquisador – produzido em 09/03/2016

Percebemos que pelos discursos descritos nestas caracterizações, Os participantes envolvidos na discussão geral acreditam que a habilidade de desenho é algo indispensável para a construção de uma história em quadrinho. Apesar de na caracterização apenas três participantes estarem envolvidos, as ideias expostas por Ângelo e Zivaldo eram semelhantes às concepções que outros participantes apresentaram nos primeiros encontros. Algumas destas concepções podem ser percebidas nos quadrinhos *Discussões Grupo 1* (figura 5) e *Discussões Grupo 2* (figura 6) a seguir:

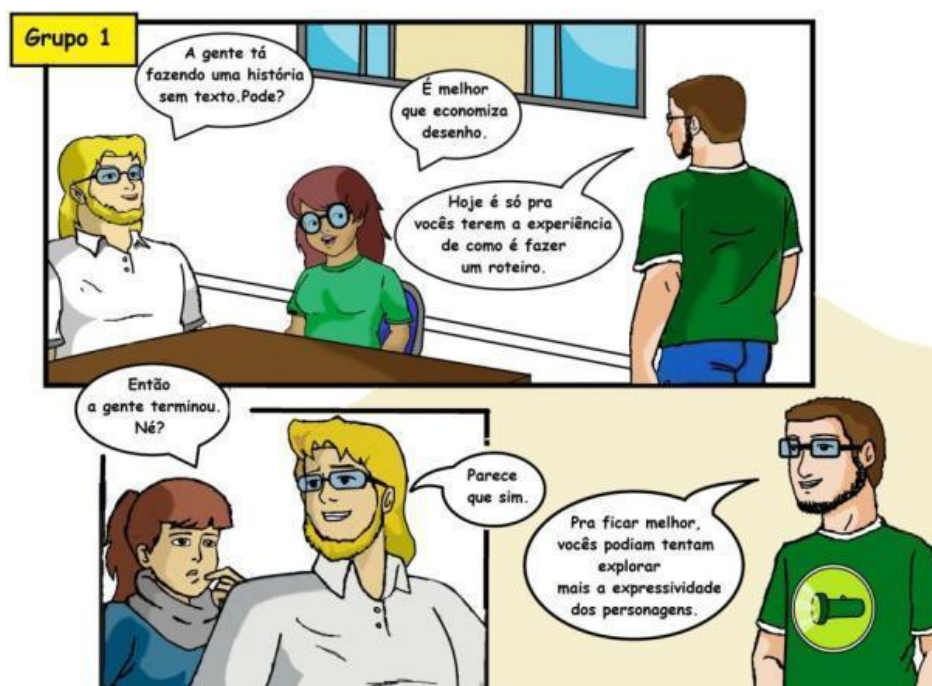


Fig.5. Discussões Grupo 1 – fonte: autoria do pesquisador – produzido em 09/03/2016

A participante Mônica no quadrinho *Discussões em grupo* (figura 4) apresenta uma ideia interessante com relação a produção de HQ, afirmando que é preciso trabalhar bem o roteiro e os personagens. Entretanto, nos momentos de produção de HQ a participante demonstrou uma espécie de aversão aos desenhos, quando diz que “é melhor que economiza desenho”. Isso pode indicar que ela entende a importância dos elementos das HQ, mas não tem afinidade com desenho e por isso foca nos outros elementos (por isso discute que é preciso trabalhar bem o roteiro e os personagens).

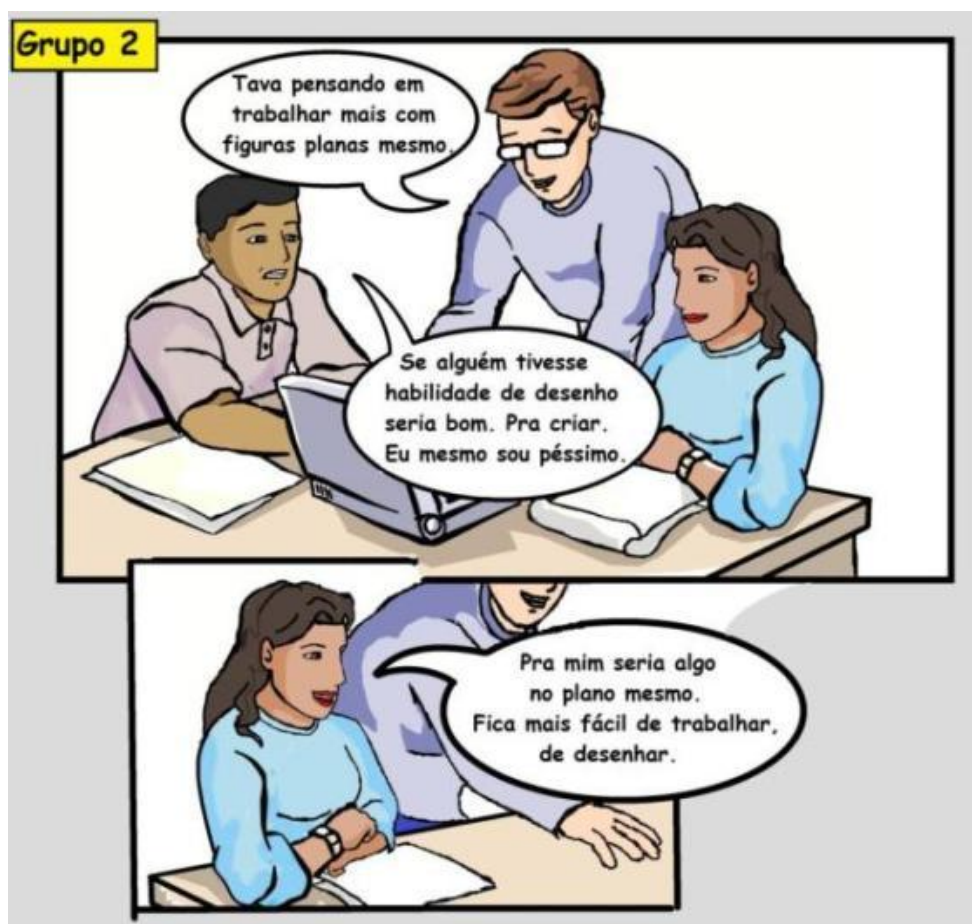


Fig.6. Discussões Grupo 2 – fonte: autoria do pesquisador – produzido em 10/03/2016

Os integrantes dos Grupos 1 e 2 apresentam a concepção de que os textos são criados após a escolha por determinado estilo de desenho. Neste sentido, interpretamos que os participantes envolvidos acreditam que os textos contidos nos balões são de mais fácil construção, onde, primeiro se define o desenho para depois se definir a história.

Não é nossa intenção determinar qual elemento da história deve ser produzido primeiro. Entretanto, Barbosa (2012), assim como muitos artistas e quadrinistas, argumenta que o

ponto de partida, e os primeiros elementos a serem definidos na construção de uma HQ são o argumento e o roteiro. Acreditamos, assim, que os desenhos, apesar de serem essenciais para construção de qualquer HQ, sua qualidade estética é discutível.

Além disso, acreditamos que durante o processo educacional os alunos assimilam parte das concepções que os professores carregam. Assim, não podemos deixar de pensar que se trabalharem com as histórias em quadrinhos em sala de aula, os professores “ensinariam” (mesmo que inconscientemente) aos alunos que o desenho assume um papel de destaque na construção das HQ.

Neste viés, Barbosa (2012) argumenta que em sala de aula não se deve utilizar os quadrinhos apenas explorando seus elementos gráficos, mas devem ser utilizados como um recurso capaz de promover a discussão, estímulo ao processo criativo. Faz-se necessário trabalhar com os alunos formas de se desenhar, mas é igualmente importante estimular os alunos a escrever e a construir HQ como um todo, produzindo textos e desenhos (trabalhando a expressividade e a criatividade).

Contribuindo para esta discussão, Luyten (1985b) afirma que “os quadrinhos podem estimular muitos exercícios de linguagem escrita e oral, sendo um exercício de estímulo para revelar aptidões pessoais – tanto literárias como desenho” (p. 86 – 87). Dessa forma, um trabalho pautado nas histórias em quadrinhos pode contribuir para o desenvolvimento de aptidões artísticas (referentes a habilidades de desenho e formas de expressão variadas) e de competências com relação a língua materna (escrita e oralidade).

Portanto, as histórias em quadrinhos podem contribuir tanto para o desenvolvimento de habilidades artísticas quanto para o domínio da linguagem. O desenvolvimento destas habilidades é fundamental para o desenvolvimento cognitivo do sujeito. Sforini (2003), estudando sobre o papel da linguagem, à luz da THC, argumenta que a linguagem escrita (ou mesmo a oral) tem um papel importante no desenvolvimento cognitivo do sujeito, pois possibilita a ordenação do real em classes, permitindo uma organização mental, mediante generalizações e abstrações conceituais.

Com base nestes autores, fica claro que as histórias em quadrinhos não se resumem apenas a desenhos, como alguns dos participantes acreditavam. O desenho pode sim ser um atrativo, mas as HQ apresentam um elemento textual e podem contribuir também na apreensão de competências e conhecimentos que o desenho por si só não proporciona. Acreditamos assim, que a produção de HQ não deve se restringir por conta de uma inexperiência artística (falta de

prática de desenho ou falta de domínio de softwares que auxiliem na construção de histórias em quadrinhos).

Julgamos assim, que os professores que desejam incorporar as HQ às suas práticas pedagógicas não devem ter a concepção de que não podem construir uma história em quadrinho por não saber desenhar. A qualidade do desenho é sempre discutível, mas a qualidade textual deve ser sempre elevada, tendo roteiros bem pensados e bem trabalhados. Professores que têm a vontade de trabalhar com os quadrinhos em sala de aula, podem (e devem) desde que trabalhem bem a parte textual e as atividades que farão uso deste recurso.

Desse modo, é importante destacar que as HQ voltadas para o ensino não devem ter uma finalidade puramente distrativa. Entretanto, a forma como as HQ vem sendo utilizadas atualmente, corrobora para que o aluno as veja apenas como forma de descansar e se distrair de outras formas de ensino.

Nesta discussão, Luyten (1985b) argumenta que as histórias em quadrinhos vêm ganhando cada vez mais espaço nos livros didáticos, mas que este espaço, na maioria dos casos, não tem conservado o caráter educativo do livro didático, fazendo uso de imagens extremamente chamativas. Logo, esta incorporação das HQ nos livros didáticos faz com que o aluno se distraia com o visual e os personagens, se esquecendo do conteúdo tratado.

Acreditamos que esta maneira de incorporação das HQ em contexto educacional decorre da incompreensão dos elementos que compõe a história. Os participantes no início do curso, não compreendendo o significado dos elementos das HQ, tinham a concepção de que o desenho era mais importante do que os textos (mesmo que inconscientemente). Entretanto, em determinado momento, passaram a perceber e externar em seus discursos que os textos (história) e o trabalho dos personagens é tão importante quanto a qualidade gráfica.

Assim, a situação caracterizada no quadrinho *Discussões em grupo* foi de grande importância para que compreendêssemos melhor o movimento de atribuição de sentido, pois foi a partir dela que alguns participantes perceberam a importância de alguns elementos diferentes dos desenhos dentro da evolução da história. No início do quadrinho *Discussões em grupo*, alguns participantes argumentam que os desenhos são mais importantes, e a participante Mônica percebendo a importância de outros elementos afirma que na construção de uma HQ “é preciso ter história, personagens. E trabalhar bem estes elementos” (*Discussões em grupo* – figura 4).

Neste mesmo sentido, consideramos de igual importância um diálogo que ocorreu na construção da história em quadrinho do Grupo 2 (figura 6). O diálogo em questão ocorreu entre os participantes Henfil e Ziraldo:

- Henfil: Se alguém tiver habilidade de desenho seria bom. Pra criar. Eu mesmo sou péssimo (Discussões Grupo 2 – Figura 6).
- Ziraldo: Tava pensando em trabalhar mais com figuras planas mesmo (Discussões Grupo 2 – Figura 6).

Este dialogo se mostrou importante dentro do curso, pois os participantes começaram a se preocupar mais com a história do que com um desenho muito bem trabalhado, chegando ao ponto do participante Ziraldo propor um estilo de desenho mais básico. Mesmo que a justificativa para o uso de figuras planas seja a de que é mais fácil de desenhar, o grupo deixa de atribuir à qualidade estética (ou ao elemento gráfico) uma importância significativa. Acreditamos que isso se dá ao fato de que os participantes começam a se preocupar mais com um roteiro bem trabalhado do que com um desenho com uma beleza estética alta. Estes sentidos atribuídos aos desenhos sofreram uma mudança significativa quando foi levado para o curso, quadrinhos reflexivos, com desenhos menos trabalhados se comparados a outros mais comerciais (como Marvel ou DC).

Esse fato ocorreu no terceiro encontro, após perceber a importância exacerbada que os professores estavam atribuindo aos desenhos tentamos apresentar diferentes tipos de HQ, com qualidades gráficas e estilos diversificados. Uma destas tirinhas foi criada por Luis Fernando Veríssimo, um dos mais populares escritores brasileiros contemporâneos. O autor tem uma série de tirinhas com duas minhocas como personagens que, a exemplo de outras tirinhas do mesmo autor, discutem sobre questões filosóficas.

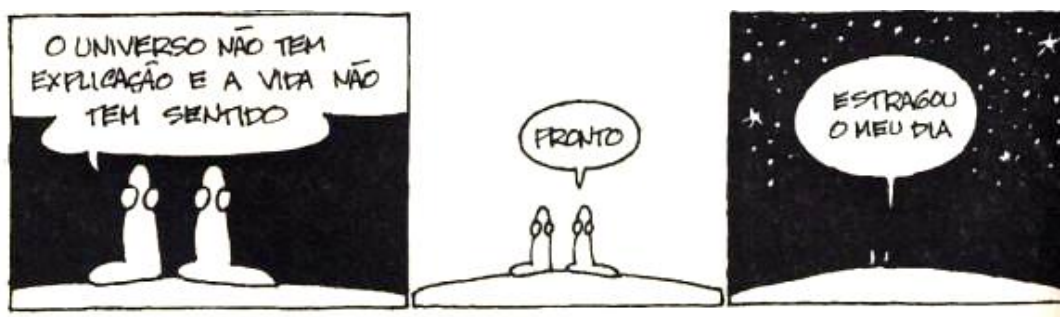


Fig.7. Quadrinho de Luis Fernando Veríssimo, L&PM, 1997, - fonte: www.praquemgostadeler.com.br. <Acesso, 08 de agosto de 2014>

Utilizando-se bem do elemento textual, o autor “compensa” um traço simplista com textos filosóficos que despertam uma inquietação no leitor. Estas histórias em quadrinhos que estimulam a reflexão dos leitores são um bom exemplo de que “as histórias em quadrinhos podiam ser utilizadas de forma eficiente para a transmissão de conhecimentos específicos, ou seja, desempenhando uma função utilitária e não apenas de entretenimento” (VERGUEIRO, 2012, p. 17).

Histórias em quadrinhos como este estimularam uma discussão, em que podemos perceber a mudança de sentidos dos participantes no tocante do que é necessário para se produzir HQ. O quadrinho a seguir, foi feito tendo como base discussões que ocorreram no curso após a análise de quadrinhos reflexivos (como os de Luiz Fernando Verissimo ou a Turma de Charlie Brown). Assim, o quadrinho a seguir demonstra a externalização destes sentidos:



Fig.8. Compreendendo os sentidos – fonte: autoria do pesquisador – produzido em 10/03/2016

Ao longo do curso a maioria dos participantes teve uma mudança significativa em suas concepções e sentidos com relação aos elementos que compõe as histórias em quadrinhos. Inicialmente, a maioria dos participantes tinha as HQ como uma produção que tem apenas uma beleza estética e desperta a atenção dos estudantes justamente por este atrativo acarretado pelos desenhos. É possível percebermos esta mudança principalmente analisando as falas da

participante Magali no quadrinho *Escolhas do primeiro encontro* (Figura 2) e depois no quadrinho *Compreendendo os sentidos* (figura 8). A participante percebeu que os textos são tão importantes quanto os desenhos.

Estas concepções fizeram com que Luyten (1985b) afirme que as HQ não podem mais ser vistas como um subproduto (ou subliteratura), não sendo capaz de transmitir uma idéia. A autora ainda argumenta que as histórias em quadrinhos acompanharam a evolução da sociedade, oferecendo diversos elementos “para todos os diversos meios de comunicação” (p. 8) (as HQ figuram nos jornais, revistas, livros didáticos, dentre muitos outros).

Nesta perspectiva, Vergueiro e Ramos (2009) concebem as histórias em quadrinhos “como uma forma de entretenimento e transmissão de saber que podia atingir diversos públicos e faixas etárias” (p. 9). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa tratam os quadrinhos como forma de expressão que demanda uma leitura crítica. O documento ainda vai além, tratando os quadrinhos como uma ferramenta que auxilia o professor no tratamento de temas interdisciplinares e temas transversais, sendo ainda um gênero adequado ao trabalho voltado para a linguagem oral e escrita (BRASIL, 1997b).

Alguns quadrinhos, como é o caso de *A turma de Charlie Brown* (de Charles Schulz) também não apresentam, se comparados com outras HQ, traços ou uma colorização gráfica tão bem trabalhada. Esta história, que tem como principais personagens as crianças, apesar de não ser a mais bela produção visual, espanta pela qualidade de seu texto. Luyten (1985a) argumenta que

esta HQ “fez muita gente passar a reacreditar na humanidade através dos balões de seus personagens mirins” (p. 40). Como exemplo, a figura abaixo:



Fig.9. Página de Snoopy de Charles Schulz, 2001 – fonte: <https://www.pinterest.com/here2connect/pea>

nuts/ <acesso em 12 de agosto de 2014>

Na tira o personagem Snoopy diz “aprenda por ontem, viva por hoje, olhe para o amanhã, descanse esta tarde”. Os quadrinhos de Schulz tiveram grande aceitação na época (década de 1960). Luyten (1985a) afirma que “com os quadrinhos pensantes, o peso maior foi dado ao conteúdo dos balões, isto é, a mensagem se destacava dos cenários simples. É como se atores representassem num teatro apenas com um fundo branco no palco” (p. 41).

Neste sentido, percebemos uma possibilidade para o uso dos quadrinhos em meio educacional, para aqueles professores que não tem habilidades de desenho. Os quadrinhos intelectuais não tinham desenhos tão elaborados nem uma colorização tão bela se comparados a outras produções. Entretanto, seu texto, muito bem trabalhado, poderia oferecer subsídios para discussão de diversos tópicos.

Nesta perspectiva, na construção de histórias em quadrinhos para serem utilizadas em meio educacional, os professores devem ter clara a ideia de que os textos são tão importantes quanto os desenhos. Os desenhos constituem um atrativo muito interessante aos jovens, mas, em meio educacional, os textos são de suma importância para proporcionar uma discussão aprofundada sobre determinado assunto. Assim, em sala de aula não se deve utilizar os quadrinhos apenas explorando seus elementos gráficos, mas devem ser utilizados como uma oportunidade de discutir, estimular e praticar o processo criativo (BARBOSA, 2012).

Não estamos afirmando que o elemento gráfico (desenho) tem menos importância do que o elemento textual. Concordamos com Vergueiro (2012) quando o autor afirma que dentro da estrutura das histórias em quadrinhos os desenhos e os textos devem ser entendidos como uma unidade, ou seja, a grande maioria das mensagens só pode ser entendida na interação entre os dois elementos. Entretanto, entendemos que no decorrer de nossas atividades, os professores atribuíram ao desenho uma maior importância, sendo necessário uma valorização do elemento textual.

Julgamos que *Compreendendo os sentidos* (figura 8) é de grande importância para a percepção das possibilidades das HQ em meio educacional. As falas dos professores utilizaram elementos assinalados por Vergueiro (2012):

- Estudantes querem ler quadrinhos: é um elemento presente no cotidiano dos alunos e despertam o interesse dos alunos, fazendo com que eles sejam bastante receptivos a este elemento;

- Palavras e imagens podem ensinar melhor: a fusão da linguagem escrita com os desenhos ajuda na compreensão de conceitos que somente o texto ou somente o desenho não conseguiriam sozinhos;
- Existe um alto nível de informação nas HQ: os quadrinhos tratam dos mais diversos temas, sendo que uma única história pode oferecer um valioso leque de informações.
- Hábito de leitura: a familiaridade com as HQ pode contribuir com que os estudantes se aproximem de um tipo de leitura e criem gosto pela literatura;
- Enriquecem o vocabulário dos estudantes: a linguagem acessível presente nos quadrinhos podem auxiliar que o estudante apreenda novas palavras além de expressões que fazem parte do cotidiano de leitores de diversas faixas etárias;
- Caráter elíptico obriga o leitor a pensar e imaginar: a história em quadrinho é construída a partir da ordenação de pontos-chaves da história (história contada quadro a quadro), sendo a interpretação do leitor essencial para completar as lacunas entre um quadro e outro.

Assim, os domínios destes elementos podem contribuir para que os participantes, ou qualquer professor interessado em trabalhar com as HQ em meio educacional, construa histórias com qualidade, tratando o conhecimento matemático de forma que contribua para uma formação integral dos indivíduos.

Entretanto, como visto nos elementos caracterizadores desta primeira unidade, nem todos os professores tinham inicialmente um conhecimento sobre estes elementos das HQ. Este desconhecimento gerou um sentido em alguns participantes que poderia dificultar a construção de uma história.

Ao longo do curso, percebemos a mudança dos sentidos de alguns participantes. Esta mudança ficou explícita no discurso de diversos professores. Para entendermos as Concepções sobre as HQ dos participantes buscamos compreender o sentido que os professores atribuem aos elementos estruturais das HQ. Por vezes, os participantes atribuíam a determinados elementos uma maior importância. Entretanto, ao longo das nossas atividades, os professores perceberam que cada elemento tem sua importância, nem maior, nem menor, do que qualquer outro.

Neste tocante, esta mudança de sentido é ainda mais visível se voltarmos nossos olhares à importância exacerbada atribuída aos desenhos nas primeiras cenas com relação à importância atribuída de forma igualitária com os textos em *Compreendendo os sentidos* (figura 8). Uma mudança de sentido é perceptível nos discursos de Ziraldo:

Mudanças de sentido do participante Ziraldo

Discussões em grupo. Ziraldo: Isso é verdade. A história em quadrinho é marcada mais pelo desenho. Acho que é preciso saber desenhar.
Compreendendo os sentidos. Ziraldo: Tá vendo? Nem precisa saber desenhar.

O discurso do participante na HQ *Discussões em grupo* demonstra a importância que ele atribui ao desenho. Dizer que “A história em quadrinho é marcada mais pelo desenho. Acho que é preciso saber desenhar”, aparenta um discurso simplista, pois, percebe-se como elemento principal apenas aquilo que se pode ver.

Elementos como o argumento ou roteiro não são vistos de fato em uma história em quadrinho, mas são importantes, pois são a partir deles que boa parte das histórias em quadrinhos são construídas. Entretanto, nos encontros posteriores, o participante afirmou que para construir uma HQ “nem precisa saber desenhar” (Compreendendo os sentidos - Figura 8).

Nesta perspectiva, o professor percebeu que existe outros elementos que compõem as histórias em quadrinhos, que por vezes, faz com que os desenhos não sejam tão importantes. Além destes discursos, o participante discute que para ele “acho que depende do objetivo que o profissional traça inicialmente. Às vezes o desenho nem é o mais importante. E eu acho que ajuda o menino a desenvolver a imaginação” (Compreendendo os sentidos – Figura 8).

Esta compreensão é de grande importância na construção dos sentidos atribuídos às HQ, pois demonstra que o participante adquiriu a concepção de que a construção de uma história depende do objetivo traçado pelo autor. O participante reconheceu que cada elemento tem sua importância e tudo depende dos objetivos da história. Histórias como as da Mafalda e Turma do Charlie Brown não apresentam desenhos tão bem trabalhados quanto outros, mas tem alto grau de informações, de críticas e levam os seus leitores à reflexão.

Desta maneira, ficou claro para nós que o curso foi de grande importância, pois oportunizou aos professores compreender e dominar alguns elementos das HQ. Com isto, os professores perceberam possibilidades interessantes (como a participante Magali, percebendo a importância do roteiro), dependendo dos objetivos que eles traçam inicialmente (fato exposto pelo participante Ângelo).

Sem as discussões e atividades realizadas durante o curso, dificilmente os professores teriam a oportunidade de compreender os elementos das HQ. Antes do curso, para a maioria, era preciso saber desenhar, mas no decorrer das atividades, se desvencilharam deste sentido atribuído à construção de HQ.

Assim, sem o curso alguns dos participantes poderiam não construir HQ por ter uma ideia errônea com relação ao que é necessário para se construir este elemento. Mas após o curso, é possível percebermos que estas ideias foram superadas, o que contribui para que eles possam construir suas histórias para utilizar em sua prática profissional.

CONCLUSÃO

Percebemos que as histórias em quadrinhos vêm ganhando cada vez mais espaço no processo educacional. Manuais e livros didáticos em formas de quadrinhos (como exemplo citamos os Guia Mangá de Cálculo, Guia Mangá de Estatística, dentre muitos outros Guia Mangás) utilizam da linguagem dinâmica dos quadrinhos com finalidade educacional.



Fig.10. Capas dos Guia mangá de cálculo (à esquerda) e Guia mangá de estatística (à direita)

Entretanto, apesar dos quadrinhos estarem sendo utilizadas dessa forma, percebemos que não existem cursos de formação de professores que oportunizem o trabalho docente com esta ferramenta. Percebendo esta carência, julgamos necessário propor um curso de formação que oportunize um trabalho de qualidade com as HQ.

Propomos este curso para um grupo de 12 professores que ensinam matemática, participantes de um grupo de estudo chamado OBEDUC. Neste relato, elucidamos as concepções

sobre as HQ que os professores apresentavam antes e como estas concepções se alteraram no decorrer do curso. Inicialmente, boa parte dos participantes atribuía ao componente gráfico (os desenhos) uma importância maior do que aos outros elementos das HQ. O roteiro e o argumento não eram lembrados pela maioria dos participantes (apenas no quadrinho *Discussões em grupo* – figura 4 – Ângelo mencionou o roteiro). Os participantes Magali e Zivaldo eram os que apresentavam as ideias mais simplistas no início, atribuindo aos desenhos uma importância exacerbada.

No decorrer das atividades estes participantes (e outros que apresentavam pontos de vista semelhantes) se desprenderam da ideia de que habilidade de desenhar é fundamental. Acreditamos que esta nova forma de compreender a produção de histórias em quadrinhos possibilitou que os professores percebessem possibilidades interessantes para este recurso. Como os participantes do Grupo 2 que propuseram uma HQ apenas com entes geométricos planos, fazendo desenhos mais simples, trabalhando melhor a parte textual.

É importante salientar que mesmo que em determinados momentos os participantes acreditassem que os desenhos eram mais importantes que os textos, todos reconhecem nas histórias em quadrinhos um elemento que podem contribuir de forma positiva para o desenvolvimento e fortalecimento do hábito da leitura e interpretação.

Nos primeiros encontros Magali acreditava que a habilidade de desenho era indispensável para produzir uma HQ. Nos últimos encontros, após diversas discussões e uma prática de produção a participante acabou por perceber que elementos como um bom roteiro são tão importante quanto uma boa qualidade gráfica. Dessa forma, o curso foi importante para que alguns professores desmistificassem concepções simplistas sobre as HQ. Acreditamos que estas ideias decorrem do fato de que muitos dos participantes não tiveram contato com HQ voltadas para o ensino, não tinham prática de produção deste recurso e também não tiveram em sua formação (inicial e/ou continuada) disciplinas que oportunizassem o trabalho com esta ferramenta.

Percebemos com isto que, apesar de nos últimos anos terem surgido pesquisas relevantes sobre a utilização das HQ em âmbito educacional, a formação de professores está alheia a este processo. Existem poucos cursos de formação de professores que possibilite aos docentes trabalhar com esta ferramenta.

É importante oferecer cursos de formação e oportunizar ao professor o conhecimento e a prática de produção de ferramentas pedagógicas, mas é importante que o público alvo tenha

realmente a vontade de aprender. Esta vontade, nos docentes, nasce da concepção de que estamos em uma sociedade em constante evolução, sendo estes cursos de formação necessários para que o professor acompanhe estas transformações.

Percebemos esta vontade nos professores do OBEDUC. É notável a dedicação que estes sujeitos apresentam, de estarem em um lócus com outros colegas de profissão para discutir formas de intervir no processo educacional, de ensinar de maneira significativa e de aproximar o conhecimento matemático da realidade de seus estudantes. Assim, o saldo positivo do curso se deve em grande parte pela escolha destes sujeitos.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, J. *Como fazer histórias em quadrinhos*. São Paulo, Global, 1990.

ANDRAUS, G. *As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ARAUJO, G.; COSTA, M.; COSTA, E. As histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso didático-pedagógico. *A MARGem - Estudos*, Uberlândia - MG, ano 1, n. 2, p. 26-36, jul./dez. 2008.

BARBOSA, A. Os quadrinhos no ensino de Artes. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 131-149.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília, 1997b.

CAVALCANTE, L. A. de O. *No dia mais claro: um estudo sobre o sentido atribuído às histórias em quadrinhos por professores que ensinam matemática em formação*. Dissertação – Mestrado em Educação em Ciências e Matemática, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

CIRNE, M. *A explosão criativa dos quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1970.

KOJIMA, Hiriyuki, Shin Togami, Becom Co; *Guia Mangá de Cálculo: Diferencial e Integral*. São Paulo. Novatec Editora, 2010.

LUYTEN, S. M. B. *O que é História em Quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1985a.

LUYTEN, S. M. B. Por que uma leitura crítica das histórias em quadrinhos?. In. LUYTEN, S. M. B.(Organizadora). *História em Quadrinhos: Leitura Crítica*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1985b. p. 7 – 9.

LUYTEN, S. M. B. HQ como prática pedagógica. In. LUYTEN, S. M. B.(Organizadora). *História em Quadrinhos: Leitura Crítica*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1985c. p. 84 – 91.

_____. *Mangá, o poder dos quadrinhos japoneses*. São Paulo: editora. Hedra, 2000.

MOYA, Á. de. Era uma vez um menino amarelo, in MOYA, Álvaro de (Org.). *SHAZAM!*, São Paulo: Editora Perspectiva, 3ª Ed., 1977, pp.15-96.

SFORNI, M. S. de F. *Aprendizagem conceitual e organização do ensino: contribuições da Teoria da Atividade*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2003.

TAKAHASHI, Shin. *Guia Mangá de Estatística*. São Paulo: Editora Novatec. 2010.

TONON, S. *As Histórias em Quadrinhos como recurso didático nas aulas de matemática*. EM EXTENSÃO, Uberlândia, v. 8, n. 1, p. 72 - 81, jan./jul. 2009.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Â.; VERGUEIRO, W. (orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4ª. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012, p. 7-29.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.



Submissão: 14 de março de 2016
Avaliações concluídas: 08 de junho de 2016
Aprovação: 08 de setembro de 2016

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

CEDRO, Wellington Lima; CAVALCANTE, Luis Adolfo de Oliveira. Nem precisa saber desenhar: concepções de professores que ensinam matemática sobre as HQ (Dossiê História em Quadrinhos: Criação, Estudos da Linguagem e usos na Educação). *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 16, n. 02, p. 329-352 de 469, número especial, 2016. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >